

'BRASILEIROS' LÁ, PORTUGUESES CÁ*

*Alice Beatriz da Silva Gordo Lang***

Resumo: O estudo trata de imigrantes portugueses que chegaram a São Paulo entre 1950-1963, período em que a imigração foi incentivada. Recorrendo à metodologia da História Oral, foram entrevistados imigrantes que contaram a vivência do percurso migratório, no decorrer de diferentes fases. Mantêm fortes laços com a aldeia de origem, onde são vistos como "brasileiros", embora com conotação diversa daquela atribuída aos imigrantes regressados no final do século 19 e início do 20. Sua identidade é marcada pelo sentimento da dupla pertença, revelando grande ambigüidade.

Palavras-chave: imigrantes portugueses, identidade, ambigüidade.

Trato de emigrantes e imigrantes portugueses. São pessoas que deixam sua terra para reconstruir a vida em outro país.

O ato de emigrar é a saída de alguém de seu país, para permanência de duração significativa. As razões podem ser políticas, econômicas, sociais ou culturais, caracterizando tipos diversos de emigração.

Emigração e Imigração são duas faces de uma mesma moeda, o processo migratório referido a migrações internacionais. O emigrante é aquele que deixa sua terra para se radicar em outro país por tempo longo ou em certos casos definitivamente, tornando-se imigrante ao adentrar as fronteiras do país de destino (MONTEIRO, 1994).

O percurso migratório

Trato do processo migratório, tal como concebido por Rocha-Trindade (1995), da Universidade Livre de Lisboa, e assim definido:

Designa-se por **percurso migratório** (ou itinerário migratório) o conjunto de passos, ações ou situações, dados ou experimentados por um indivíduo migrante, com relevância para o processo em que se encontra envolvido; o conceito tem uma natureza sequencial cronológica, mais do que propriamente espacial, e encontra interesse e aplicação sobretudo em situações de migração internacional (p. 37).

É um percurso que envolve várias fases:

Inicia-se no país de origem com a **intenção de partir** (incluindo os motivos determinantes), seguindo-se os **preparativos** para a viagem. A **viagem**

* Texto apresentado no Encontro de História Oral do Sudeste, em Tiradentes (MG), novembro de 2003 - Mesa Redonda "Cultura, Memória e Identidade".

** Doutora em Sociologia pela USP. Pesquisadora do CERU.

propriamente dita tinha uma duração mais longa, hoje encurtada pela modernização dos meios de transporte. No país de destino, país de acolhimento ou país receptor há uma fase transitória da **primeira instalação**, a que se sucede a **inserção**. Chega o momento da **decisão: fixar-se definitivamente** no país de acolhimento ou **regressar**. Neste último caso, há a **reinserção** no país de origem e fecha-se o ciclo migratório (ROCHA-TRINDADE, 1995, p. 38).

A emigração é um fenómeno que tem sido considerado como estrutural à sociedade portuguesa, tal sua permanência a partir das grandes navegações. Há mesmo uma concepção de nação alargada, compreendendo os povos que falam a mesma língua.¹

No Brasil, a imigração portuguesa é um fenómeno secular. Portugueses foram os descobridores, os colonizadores, os governantes até a Independência em 1822. O ciclo do ouro atraiu grandes levas.

Portugueses vieram para o Brasil em condições diversas. A partir de 1822 passaram a ser considerados estrangeiros.

Na segunda metade do século XIX muitos foram os portugueses que vieram para trabalhar no Brasil, atraídos inicialmente pela oferta de trabalho na lavoura cafeeira que buscava atrair mão de obra livre, dado que o final da escravidão se avizinhava. Vieram também para cidades, embora em menor número. Os principais destinos eram o Rio de Janeiro, então Distrito Federal e São Paulo, estado e capital.

Uma estimativa global aponta que 1.700.000 portugueses teriam se dirigido para o Brasil entre 1850 e 1960. Junta-se a este total o número dos clandestinos e o daqueles que não pertenciam legalmente à condição de imigrantes, estando nesse caso as pessoas que chegaram no Brasil sem possuir um contrato de trabalho, bem como os viajantes portadores de bilhetes de primeira ou segunda classe. Supõe-se então que o número de portugueses de primeira geração que se fixaram no Brasil atinja a cifra de dois milhões.

Os que aqui chegavam somavam-se a tantos outros que aqui já estavam radicados ou seus descendentes. Chegavam a um país onde a língua era a mesma, a religião majoritariamente católica e encontravam costumes semelhantes.

Trato daqueles que completaram o percurso migratório regressando ao país de origem e dos que interromperam o percurso, decidindo não regressar, ou regressando por curtos períodos, fixando-se na cidade de São Paulo.

O objetivo é focalizar a questão da Identidade e da Memória.

Falo de regresso e não de retorno, fenómenos que se distinguem pela ênfase no carácter voluntário no primeiro caso ou imposto por medidas governamentais², no segundo.

Quanto aos regressados, os 'torna viagem', faço uso de trabalhos realizados em Portugal e quanto ao que vivem no Brasil, trabalhei com entrevistas, com observações, recorrendo à memória de imigrantes por meio de entrevistas de História Oral.

¹ Dados de 1981 davam conta que havia em Portugal 9.805.300 habitantes, estimando-se a existência de 3.856.360 portugueses residentes no estrangeiro.

² O Conselho das Comunidades Portuguesas, em abril de 1981, assim define: Regresso: sempre que a deslocação para o país de origem seja voluntária. Retorno: sempre que a saída do país de acolhimento seja compulsória.

Memória

Considero a memória coletiva e a memória individual ou pessoal, esta referenciada no grupo, como mostra Halbwachs (1990), e inserida nos quadros da memória coletiva do grupo.

Conforme Pollak (1992), a memória é um fenômeno construído social e individualmente e, quando se trata da memória herdada, apresenta uma estreita ligação fenomenológica com o sentimento de identidade.

‘Brasileiros’ lá

Os regressados do Brasil são identificados em Portugal como ‘brasileiros’ a partir do século XIX, como anteriormente, nos séculos XVII e XVIII, eram chamados de ‘mineiros’. No século XIX, o termo ‘brasileiro’ foi usado para se referir não só ao natural do Brasil mas também e, até mais frequentemente, ao natural de Portugal que emigra para o Brasil, faz fortuna e depois regressa ao país de origem.

A imagem do emigrante português que deixou seu país na esperança de enriquecer e na expectativa de voltar um dia para exibir sua riqueza, dominou a sociedade portuguesa desde os dias dos chamados ‘mineiros’ dos séculos XVII e XVIII.

Podem encontrar-se provas sólidas da vitalidade deste arquétipo nacional nos escritos sobre Portugal, de caráter quer histórico, quer filosófico, quer ainda literário. Julga-se que cada família camponesa produziu pelo menos um brasileiro (BRETTELL, 1991).

Contudo, os ‘brasileiros’ foram tratados de forma bastante pejorativa pela literatura portuguesa. Foram objeto de caricatura mordaz por escritores como Camilo Castelo Branco que muito contribuiu para a formação da imagem negativa, através de muitas de suas obras: *O que fazem as mulheres*, *Anos de prosa*, *Os brilhantes do Brasileiro*, Eusébio Macário, *A corja*, *A Brasileira de Prazins*.

Já Alexandre Herculano no século XIX, assim definia o ‘brasileiro’:

A denominação de Brasileiro adquiriu para nós uma significação singular e desconhecida para o resto do mundo. Em Portugal, a primeira idéia talvez que suscite este vocábulo é de um indivíduo cujas características principais e quase exclusivas são viver com maior ou menor largueza, e não ter nascido no Brasil; ser um homem que partiu de Portugal na puerícia ou na mocidade mais ou menos pobre e que, anos depois, voltou mais ou menos rico.

Também Eça de Queiroz fala do emigrante que retornou do Brasil pobre ou rico, quer seja “o lavrador minhoto, enriquecido e vestido de pano fino”, quer seja o “labrego”.

As 'casas de brasileiro'

Paula Torres Peixoto (1998), da Universidade Aberta de Lisboa, mostra o 'brasileiro' como uma figura estereotipada não apenas na literatura, como também na **consciência popular** dos portugueses: é o português que partiu jovem para o Brasil, trabalhou, lutou e alcançou sucesso econômico, regressando então para a aldeia de origem, onde se torna objeto de admiração. Faz obras de benemerência, investe em instituições culturais como escolas, constrói ou reforma a igreja, traz melhoramentos para a aldeia, tornando-se objeto de reconhecimento (ou de críticas maldosas pela sua pequena educação); constrói uma grande casa para moradia, reconhecida como 'casa de brasileiro'.

As 'casas de brasileiro', edificadas pelos 'torna-viagem' até os anos 20 do século passado no norte de Portugal (Minho, Trás-os-Montes e Beira Alta) foram estudadas por Paula Torres Peixoto (1998). São enormes edificações de grande visibilidade, que destoam dos padrões e características da arquitetura local. O significado destas construções é o de testemunhar a metamorfose da situação social e econômica do emigrante que partiu pobre e regressa rico, tendo mais visibilidade as casas construídas na aldeia do que nas cidades.

Na província, as pessoas conheciam o que ele era quando partiu. Assim, tornava-se imprescindível mostrar à evidência o que colhera como resultado de sua emigração. Na casa ele desejou materializar esta ânsia de mostrar o sucesso alcançado e de exibir sua riqueza (PEIXOTO, 1998, p. 121,122).

Cabe notar que eram chamados 'brasileiros' não todos os que regressaram, mas apenas os que o fizeram em situação de afluência econômica. Mas emigrantes regressaram em situações diversas, além dos bem sucedidos, houve aqueles que regressaram em situação de penúria, os que conseguiram amealhar o suficiente apenas para ter uma velhice tranqüila; Destes, não há registro na memória coletiva. O apodo 'brasileiros', aplicava-se apenas aos bem sucedidos.

Na realidade, esses 'brasileiros' muito colaboraram para o desenvolvimento das aldeias. Aplicaram sua riqueza não apenas na construção de suas enormes casas, mas também no prosseguimento ou desenvolvimento de negócios comerciais e industriais. Fizeram doações para obras de caráter coletivo e mantiveram iniciativas de alcance social visível. Alguns chegaram a participar da política local. Não correspondiam exatamente ao estereótipo que sobre eles se formou (do homem com pouca cultura e educação). Mas tiveram de conviver com ele e reconstruir sua identidade em um processo onde o estereótipo é um elemento que entra na negociação.

Quanto às casas de 'brasileiros', há hoje outras semelhantes de 'franceses' e 'alemães'. Os que retornam desses países são assim identificados. Estes, contudo, morando mais próximo, visitam com mais frequência a propriedade, utilizando-a para férias. São casas que permanecem fechadas grande parte do ano, conhecidas como as 'casas fantasma'.

Portugueses cá³

São reflexões que têm por base relatos de imigrantes que realizaram eles mesmos o percurso migratório e que são aqueles que decidiram ficar no Brasil. Falaram de sua vivência, dos seus sonhos da nova vida na terra de adoção.

A Constituição Republicana de 1891, pelo Artigo 69, Parágrafo 4, ofereceu a nacionalidade brasileira a todos os estrangeiros que estivessem nesta data radicados no país. A partir de então, prosseguiu o movimento de chegadas que no século XX se fez em ciclos de maior ou menor número de entradas.

De 1891 a 1930, houve um período de grande imigração, entrando no país 1.028.969 portugueses, que correspondiam a 29,92% dos imigrantes estrangeiros entrados no país. Seguiu-se um período de queda acentuada, dada a orientação do governo getulista favorecendo as migrações internas do norte-nordeste para o sudeste e também pelos problemas internos vividos por Portugal, registrando-se a entrada de apenas 129.407 portugueses entre 1930 e 1949 (33,68%).

Na década de 50 a imigração estrangeira foi novamente incentivada, o desenvolvimento econômico do período de pós-guerra demandava mão-de-obra, especialmente para atividades no meio urbano; de 1950 a 1963 chegaram 299.801 portugueses (41,51% do total). Depois de 1964, praticamente cessa a corrente migratória, preferindo os portugueses outros destinos, como Alemanha, França, Canadá.

Nos anos 70, a Revolução dos Cravos em Portugal e o processo de descolonização da África motivaram uma imigração política; eram pessoas com maior qualificação, muitas das quais retornaram a Portugal depois de algum tempo. Nos últimos anos, os que chegam são 'quadros' ligados a empresas multinacionais que vêm por períodos determinados, não se configurando como imigrantes.

Trabalhei com relatos de vida de imigrantes que chegaram a São Paulo no período entre 1950 e 1963. São imigrantes que realizaram o percurso migratório e optaram por permanecer em São Paulo. A preocupação era contemplar a diversidade, entrevistando não apenas aqueles bem sucedidos que se destacaram na comunidade, mas também pessoas comuns. O critério inicial era o período de chegada.

Trabalhei com relatos de vida, que distingo de histórias de vida e de depoimentos, como já tive ocasião de mostrar em trabalhos anteriores; relatos de vida seriam histórias de vida abreviadas.

Nas *histórias de vida*, o entrevistado é levado a contar livremente sua vida, selecionando ele mesmo o que quer relatar. É evidente que uma vida não poderia ser inteiramente revisitada, havendo uma seleção dos fatos que o entrevistado deseja narrar, omissões deliberadas e esquecimentos. É necessário um tempo muito grande para coletar uma história de vida.

Relatos de vida são histórias de vida abreviadas, focalizando determinados tópicos ou períodos da vida. O entrevistado sabe do interesse do pesquisador e direciona seu relato para atender, de certa forma, àquele propósito, embora com toda liberdade.

Por meio de *depoimentos orais* o pesquisador busca obter informações e o testemunho do entrevistado sobre sua vivência ou participação em determinadas

³ Ver Lang (2003).

situações, observando-se que o depoimento nas ciências sociais não tem o sentido do estabelecimento da verdade, mas do conhecimento de uma versão devidamente qualificada (LANG, 1996).

A *análise* acompanha todo processo e pesquisa, realizada durante o período de coleta das entrevistas, possibilitando que a experiência das primeiras seja aproveitada nas subseqüentes, que se tornam então mais rica.

A análise dos relatos seguiu as fases do percurso migratório, respondendo à preocupação inicial: conhecer a vivência da imigração e o processo de reconstrução da identidade dos imigrantes no país de adoção.

Os relatos

Os imigrantes entrevistados falaram da situação difícil e sem perspectivas em sua terra, que levou ao desejo de partir. No caso desses entrevistados, como da maioria dos imigrantes portugueses que chegaram no período, foi uma imigração definida como econômica. Falaram do sonho de enriquecer, do Brasil como um país onde se falava português, terra da 'árvore das patacas' e para onde muitos portugueses da aldeia ou proximidades já haviam emigrado e poderiam ser um apoio nos primeiros tempos.

Havia também aqueles jovens que deixaram Portugal fugindo 'à tropa', ou seja, para não fazer o serviço militar, que significava a incorporação pelo período de quatro anos e o provável envio à África.

Falaram da viagem, um importante marco de passagem na vida do imigrante. Ao contá-la, lembram os dias a bordo, o dia exato da chegada e algumas vezes até a hora em que o navio aportou.

Falaram dos parentes e conterrâneos que já estavam no Brasil, muitas vezes dos padrinhos – figura importante por se tratar de um povo religioso –, falaram do trabalho árduo, da dificuldade do viver em outra terra. Falaram também daquilo que conseguiram, das lembranças da terra de origem, da saudade.

Falaram dos contatos mantidos com os parentes que ficaram e com a própria aldeia, do regresso depois de algum tempo, apenas para visita.

Situação comum é a daqueles que vieram pensando em ficar apenas alguns anos, ganhar dinheiro e voltar. Mas o retorno foi sendo adiado, às vezes indefinidamente.

Foi o caso de Vasco⁴, que enfrentava o sentimento da saudade da família:

Tinha muita saudade, tinha e muita. Quando eu vim, eu não vim para ficar aqui. A gente sempre vem para voltar. 'A gente fica três, quatro anos e depois volta'. Porque a gente é jovem e sempre sonha alto: 'Eu vou e ganho dinheiro'. Mas quando chega aqui, o dinheiro não dá assim. Eu falei brincando que me enganaram, que não tem árvore das patacas. É lógico, dinheiro não se acha assim... Tanto que quando eu cheguei aqui, o primeiro dinheiro que eu comecei a juntar ainda mandei, ainda queria comprar terra na minha terra,

⁴ Vasco nasceu em 1934 em Viseu, Beira Alta. Emigrou em 1960, já casado. Em Portugal trabalhava na lavoura e em São Paulo é jardineiro. Seus 4 filhos formaram-se em curso superior.

na minha aldeia lá. Porque era a minha idéia de voltar, mas logo percebi – voltar pra quê? Se eu vim pr'aqui, os meus filhos vão sair agora? Então eu fui ficando. E hoje lá está melhor que aqui.

Em São Paulo, mantêm contatos com outros portugueses da mesma região, muitos freqüentam as associações regionais, como o Centro Transmontano, a Casa do Minho, o Centro Beirão, a Casa da Madeira. As associações regionais funcionavam também para encontro dos jovens em idade de se casar.

Quando aqui chegaram encontraram já uma colônia estabelecida, com inúmeras associações criadas com finalidades diversas: econômicas, beneficentes, culturais, recreativas. A mais antiga seria talvez a 'Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência', fundada em 1859 e hoje um dos maiores hospitais do país.

A Casa de Portugal, considerada Casa Mater da comunidade foi fundada em 1935, com o fito de reunir a comunidade dispersa. No prédio da Casa de Portugal na Av. Liberdade, funciona hoje também a Câmara Portuguesa de Comércio, criada em 1912. A Associação Portuguesa de Desportos, hoje conhecida como 'A Lusa', fundada em 1920, é a primeira associação a que se filiaram os imigrantes chegados no período estudado.

Encontraram marcas na cidade, mas nela deixam também as suas marcas: A Igreja Nossa Senhora do Rosário de Fátima é um ponto de reunião de portugueses todo dia 13 de cada mês. A Igreja de Nossa Senhora do Caminho, em Santana, foi construída por portugueses da região de Mogadouro. Nossa Senhora do Caminho era a padroeira de Mogadouro. Esse mesmo grupo juntou-se para enviar o dinheiro necessário para a reforma da igreja da aldeia.

Nomes do comércio que indicam a aldeia de origem ou muitas vezes padroeiro da aldeia natal do proprietário português são muitos: Padaria Nova Louzã, Empório Santa Luzia, Vila Real Turismo, Pousada Cantinho de Portugal etc. Os nomes dados aos filhos, como as inúmeras Marias de Fátima, os Manueis, os Joaquins, evidenciam a origem.

Os bens sucedidos são muitos deles os comendadores, agraciados pelo governo português, em geral com a comenda Infante Dom Henrique. Formam a liderança da comunidade em São Paulo, pertencendo às principais associações. Manifestam a preocupação em transmitir aos descendentes o 'amor a Portugal', para que as obras dos portugueses no Brasil tenham continuidade.

Memória

O Portugal das lembranças é o Portugal do tempo da infância e meninice. Eram tempos de pobreza, de dificuldades que motivaram a vinda. Mas a memória recria a aldeia colorindo-a com as cores alegres do tempo da juventude, lembrando as festas do padroeiro, os anos de escola, as alegrias, mais do que as privações.

Nas casas, inúmeros objetos fazem presente a aldeia de origem. São suportes da memória.

Nas casas visitadas há sempre a imagem de Nossa Senhora de Fátima em lugar de destaque, um galo de Barcelos, um relógio cuco, muitas flores mesmo que de

plástico, a toalha bordada, além de outros objetos que lembram a aldeia como um prato na parede da casa de Lourdes⁵ com os dizeres:

No torrão hospitaleiro
De Macedo há sempre a graça
De um caldinho p'ra quem fica
É um sorriso p'ra quem passa.

É um povo hospitaleiro. Recebiam os pesquisadores sempre com bolo, chá e refresco.

A culinária é portuguesa, festas como Natal e Páscoa são comemoradas como se fazia na aldeia.

Ouvem programas radiofônicos dirigidos à comunidade portuguesa, como 'A Voz de Portugal', 'Portugal, a saudade e você' entre outros. Recebem o jornalzinho da associação regional, e às vezes da própria aldeia. E hoje, pela TV a cabo, assistem programas portugueses.

Tornam a casa um lugar da memória. Há um empenho na preservação da memória da terra de origem e uma preocupação em transmitir aos descendentes o amor a Portugal.

A memória é um fenômeno construído. Concordamos com Pollak (1992) quando diz:

(...) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (p. 204).

A permanência da ligação com a aldeia de origem

Permanece uma forte ligação com a aldeia de origem. Contatos constantes são mantidos com parentes e conterrâneos por carta, telefone e agora até e-mail, por envio de dinheiro e presentes.

No nível coletivo, com auxílio a obras da aldeia como a reforma da igreja, colocação de asfalto nas ruas, iluminação, construção de escolas. O reconhecimento da aldeia se faz, muitas vezes, dando o nome do 'brasileiro' a um logradouro⁶.

Alguns constroem casa à semelhança das 'casas de brasileiro' dos torna viagem. Conheci algumas: a do Comendador Botelho em Bujões (Vila Real – Trás-os-Montes), a do Comendador Antunes em Troviscal (Pombal – Beira). Houve até o caso daquele imigrante que construiu o Monumento ao Emigrante, na aldeia de Laúndos (Póvoa do Varzim).

Esses mesmos portugueses, ao chegar a sua aldeia para visita, são vistos

⁵ Lourdes é de Macedo de Cavaleiros, Bragança, Trás-os-Montes, em 1926. Veio para o Brasil em 1951, embora já houvesse morado em São Paulo em pequena, por alguns anos. É massagista.

⁶ Ver depoimento de Valentim Dinis, proprietário da Rede de Supermercados Pão de Açúcar. (DINIZ, 1998).

como 'brasileiros' Contou uma entrevistada que, ao chegar como visita a sua aldeia natal de onde saiu pequena, é apontada: "Chegou a brasileira".⁷

A forte ligação com a aldeia se exprime pelo sentimento da saudade, visto como característico dos portugueses, mas revelador da permanência da ligação.

A permanência da ligação dos portugueses com a aldeia natal, teria o mesmo significado apontado ao tratar do regresso dos 'brasileiros', ou seja, testemunhar uma trajetória bem sucedida. Constitui uma parte importante da identidade pessoal do imigrante. A aldeia é o ponto de partida, o parâmetro para o dimensionamento do sucesso.

Os imigrantes vivem o sentimento da dupla pertença, que não se refere à questão oficial da dupla nacionalidade, mas o do sentir: sentir-se ao mesmo tempo brasileiros e portugueses.

No nível da identidade pessoal se expressa uma grande ambigüidade, como mostra a radialista Isabel⁷:

Eu sou uma portuguesa, mas sou assim: sou aquela definição que o Roberto Leal tem numa música, nós somos um povo sem identidade. Porque eu estou aqui no Brasil, sou portuguesa... Mas quando chego lá em Portugal, sou brasileira da ponta do meu cabelo à ponta dos meus pés. Eu sou brasileira totalmente...

No Brasil, são vistos como 'portugueses', mesmo aqueles que já aqui estão há mais de cinquenta anos. Menciono o caso de Anaísa⁸, que se sente brasileira, mas foi identificada como 'a portuguesa' pelo menino da vizinha. Há casos daqueles que não são chamados pelo nome mas sim como 'Português'.

Seria esse sentimento extensivo à condição de imigrante de primeira geração? Como se coloca esse sentimento nas gerações subseqüentes? O que significa para os portugueses no Brasil, sentir-se brasileiros mas serem vistos como portugueses, ou em Portugal, sentirem-se portugueses e serem vistos como brasileiros?

Coloca-se a questão de saber se os 'brasileiros' de hoje conseguiriam apagar a conotação negativa que os rodeava.

Talvez agora a identificação 'brasileiro' venha assumindo conotação mais positiva.

Visitando as aldeias do Norte de Portugal, tive oportunidade de ver inúmeras casas de 'brasileiros', casas imensas que destoam da simplicidade das casas da aldeia. Conversando com os moradores de algumas aldeias, não encontramos aversão, mas talvez até admiração pelo 'brasileiro'.

⁷ Isabel nasceu em Bujões, Vila Real. Veio para o Brasil em 1959, com quatro anos. A família trouxe algum recurso. Formou-se em Turismo, tem uma agência e o programa radiofônico 'Portugal, a saudade e você'.

⁸Anaísa nasceu em Sãlde, Bragança, em 1933. Imigrou já casada, trabalhou em feira livre e tem hoje uma casa de frutas.

Coloca-se a questão da identidade, considerando a identidade coletiva e a identidade pessoal dos imigrantes.

Maria Beatriz Rocha-Trindade (1982) ajuda a compreender o conceito de identidade cultural, afirmando que se trata de uma 'compreensão', dada a quase impossibilidade de definir esta idéia complexa, difusa e multifacetada.

Na realidade, cada homem, cada emigrante, transporta consigo um complexo de experiências, de costumes, de crenças e conhecimentos que adquiriu na sociedade onde cresceu e se formou. De tudo isto resulta o condicionamento das ações, atitudes e modos de pensar, que virá manifestar ao longo de sua vida: cada homem é possuidor e transmissor de uma *cultura*. Desde o nascimento enceta-se uma longa aprendizagem (enculturação) que virá a desenvolver-se em várias fases ao longo da vida. Os imigrantes confrontam-se com "formas de vida diferentes que se chocam e entrecruzam com o seu próprio fundo cultural" (p. 172).

O fundo cultural remete à identidade coletiva. A identidade coletiva dos portugueses forja-se historicamente pelo espírito de aventura que levou esse povo às descobertas, pela coragem de deixar sua terra e enfrentar novos mundos (singrar mares, singrar na vida) e ainda, pelo sentimento da saudade. Também em nível coletivo, a identidade portuguesa é marcada positivamente pelo espírito empreendedor do português, evidenciado pela quantidade de empresas comerciais recenseadas pela Câmara do Comércio como sendo de propriedade de portugueses.

Pollak (1992) fala do sentimento da identidade, definindo-o como

(...) a imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. Destaca o autor que 'a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com o outro' (p. 204).

A dupla pertença, a identidade marcada por traços positivos que o indivíduo e o grupo aceitam e querem por eles ser reconhecidos, se coloca em um quadro onde os estereótipos têm ainda lugar. A imagem que o indivíduo quer transmitir nem sempre corresponde àquela formada por outros sobre ele.

Os 'brasileiros' em Portugal, os 'torna viagem', querem ser vistos como bem sucedidos, obter destaque junto aos conterrâneos, mas tem de enfrentar os preconceitos fixados na consciência popular, com o apoio da literatura.

Os portugueses do Brasil forjaram uma identidade coletiva que querem transmitir, marcada positivamente pelo espírito de aventura, pela dedicação ao trabalho, pelo sentimento da saudade. O espírito empreendedor mostra-se efetivamente em numerosas empresas organizadas e geridas por Portugueses⁹. Essa identidade convive com avaliações negativas presentes no imaginário popular. São

⁹Ver Anuários da Câmara de Comércio.

até hoje objeto de piadas. É verdade que o português imigrante era em geral um homem rude e sem cultura, mas que conseguiu amearhar um pecúlio com muito trabalho. Os que chegaram na década de 70, seja de Portugal ou das ex-colônias africanas, já tinham melhor preparo e os que vêm agora são quadros de multinacionais. No nível da identidade coletiva, há a idéia muito presente de que o português 'roubou' o ouro do Brasil. É bem verdade que o Palácio de Mafra foi construído com o ouro do Brasil, mas também é verdade que o Brasil era colônia de Portugal e a ele pertencia com todas as suas riquezas. Seria um ressentimento atávico contra o português colonizador.

A identidade depende da forma como o indivíduo ou a comunidade se vêem e querem ser vistos, mas depende também da forma de aceitação por grupos diversos nos quais estão inseridos ou com os quais convivem. Essa mesma aceitação sofre um processo de transformação. Há então uma negociação, uma dinâmica, na identidade pessoal e coletiva que se constrói e reconstrói.

De toda forma, uma grande ambigüidade marca a identidade e é sentida pelos imigrantes portugueses: 'Brasileiros' lá e 'Portugueses' cá.

Referências bibliográficas

BRETELL, Caroline B. *Homens que partem, mulheres que esperam: conseqüências da emigração numa freguesia minhota*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

DINIZ, Valentim. *Meu pão com açúcar*. São Paulo: s. ed., 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, J. C. S. B. (Org.) *Introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: s.ed., 1996.

_____. Portugueses em São Paulo: memória e identidade. In: ROCHA-TRINDADE, M. B.; CAMPOS, M. C. S. S. (Orgs.). *Olhares lusos e brasileiros*. São Paulo: Usina do Livro, 2003.

MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração: o eterno mito do retorno*. Oeiras: Celta, Editora, 1994.

PEIXOTO, Paula Torres. A casa do 'brasileiro'. In: ALVES, J. F. (Coord.). *Os 'Brasileiros' da emigração*. Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, n. 10, 1992.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. Aspectos humanos e culturais da emigração portuguesa. *Nova Renascença*, inverno de 1982.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz *Sociologia das migrações*. Lisboa: Universidade Aberta. 1995.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAEIRO, Domingos. *Portugal-Brasil: migrações e migrantes, 1850-1960*. Lisboa: Inapa, 2000.

Abstract: The study focuses on Portuguese immigrants that arrived in São Paulo in the period from 1950 to 1963, when immigration was stirred up. Using the Oral History methodology, these immigrants were interviewed and spoke about their migratory course experience at different phases. Till now they maintain strong links with the origin village, where they are considered as “Brazilians”, although with a different connotation of that attributed to the immigrants that returned towards the end of the 19th and at the beginning of the 20th century. Their identity is impregnated by the feeling of double belonging and reveals great ambiguity.

Key words: Portuguese immigrants, identity, ambiguity